PROTESTANTISMOS, LUTAS FEMINISTAS E FUNDAMENTALISMO: A CONSTITUIÇÃO DO FEMININO EM QUESTÃO

Adriana Guilherme Dias da Silva Figueirêdo*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo, discutir os aspectos relacionados ao gênero, sobretudo no que diz respeito à constituição do ser feminino a partir do papel atribuído a mulher no interior das Igrejas Protestantes, buscando compreender de que forma as transformações sociais das últimas décadas que levaram a contestação dos tradicionais papéis atribuídos aos homens e às mulheres, com a difusão dos ideais feministas, impactaram este segmento religioso, localizando ainda o fundamentalismo evidenciado em ambas as partes (ROSADO-NUNES, 2001). A partir da revisão bibliográfica, buscamos ainda, compreender a expressiva participação das mulheres nas religiões e em especial, no meio protestante, considerando a posição de subalternidade em que muitas delas ainda se encontram no interior destas instituições (PERROT, 2007). Concluímos que existe fundamentalismo tanto em alguns segmentos do movimento feminista quanto no interior das Igrejas Protestantes, e que o avanço neste debate, é possível a partir de novas chaves de compreensão conceituais, que ampliem as discussões para além dos aparentes impasses.

PALAVRAS-CHAVE: Protestantismos, Feminismo, Fundamentalismo.

1 INTRODUÇÃO

O considerável avanço das igrejas evangélicas no Brasil, conforme nos mostram as inúmeras análises dos dados do último censo no ano de 2010[1] realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

*Doutoranda em Ciências da Religião – UNICAP, Mestre em Ciências da Religião – UNICAP Pedagoga – UFPE / Especialista em Administração Escolar e Planejamento Educacional – UFPE/ Especialista em Docência da Educação Infantil – CEEL/ UFPE. Professor I – Rede Municipal de Educação em Recife. Analista em gestão Educacional – CGGR/GRE Recife Norte- SEDUC PE

[1] "Os evangélicos aumentaram de 26 milhões em 2000 para 42,2 milhões em 2010, um aumento de 16 milhões com 4.383 novos fiéis por dia. Este crescimento foi alavancado pelos pentecostais que passaram de 10,4% em 2000 para 13,3% em 2010, estimando-se serem hoje cerca de 26 milhões de pessoas, perfazendo 60% de todos os evangélicos no país" (CAMURÇA, p. 64. 2013).

evidenciam a influência cada vez maior deste segmento religioso na cultura popular e na política, tendo em vista que a presença destes, já representa 22,16% da população brasileira. Conforme nos mostra FRESTON (1999, p. 329), o Brasil possui a segunda maior comunidade de protestantes praticantes do mundo, ficando atrás apenas da China, logo, a despeito das controvérsias em torno do avanço político destes, Gedeon Freire de Alencar (2015), aponta para esta realidade como consequência natural do processo democrático em curso desde o rompimento entre o Estado Brasileiro e a Igreja católica em 1890, o que tornou possível a presença não somente dos Protestantes, mas de outras confissões religiosas no Brasil. Dada à complexidade do que significa ser Protestante no Brasil atual com o surgimento de múltiplas denominações e as mais diversas doutrinas, usos e costumes, o termo "protestantismos" tem sido a opção teórica mais utilizada para referir-se aos que abraçaram a fé oriunda da Reforma Protestante no século XVI, cujo eixo central que as identifica como evangélicas permanece sendo o rompimento com a crença na autoridade papal, nos dogmas e sacramentos instituídos pelo Magistério (clero) e na mediação dos santos, antes compreendendo o sacerdócio universal dos crentes e Jesus Cristo como único mediador entre Deus e os homens.[2] Outro ponto de convergência entre os distintos grupos acima mencionados, versa sobre o caráter autoritativo da Bíblia como regra de fé e prática que orienta a vida cotidiana dos fiéis, o que acaba por constituir-se num dos maiores pontos de tensão no que tange as questões que vêm emergindo no cenário sócio cultural onde estão inseridos, tais como gênero, aborto e a homossexualidade, somente para citar os mais controversos.

Considerando a impossibilidade de abordarmos em profundidade os pontos elencados, nos deteremos neste breve ensaio a discorrer sobre os

[2] Conforme Campos (1995, p. 21), o termo "evangélico" diz respeito ao grupo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas e descendentes da Reforma Protestante, embora exista uma subdivisão entre as instituições onde por um lado estão as igrejas chamadas de "protestantes históricas", e do outro as "pentecostais". Estas se diferenciam daquelas por acreditarem na possibilidade do exercício dos dons de língua (glossolalia) cura, discernimentos de espírito e profecias, no tempo atual, conforme descrito na Bíblia, nos livros de Joel 2,38 e Atos 2.

aspectos relacionados ao gênero, sobretudo no que diz respeito à constituição do ser feminino a partir do papel atribuído a mulher no interior das igrejas evangélicas em geral, buscando compreender de que forma as transformações sociais das últimas décadas que levaram a contestação dos tradicionais papéis atribuídos aos homens e às mulheres, a partir da difusão dos ideais feministas, impactaram este segmento religioso, localizando ainda, o fundamentalismo evidenciado em ambas as partes.

2 DESENVOLVIMENTO

Para compreendermos a cosmovisão protestante é preciso considerarmos inicialmente o que alicerça e rege sua leitura do mundo: A Bíblia, cujos 66 livros, distribuídos entre o velho e, o novo testamento que regem de modo exclusivo a vida dos fiéis, o que os diferencia dos católicos romanos, que consideram a tradição do magistério eclesiástico, que inclusive, detém a primazia da interpretação do livro sagrado. Mesmo nos desdobramentos do Protestantismo, como no caso dos Pentecostalismos e suas múltiplas vertentes, onde a experiência mística se sobrepõe ao exame e interpretação mais racional do texto bíblico, prevalecem os preceitos contidos na Bíblia, como princípios basilares que orientam não só a conduta, mas também definem o que significa ser homem ou mulher, assim como os papéis a serem desempenhados por cada um. Logo, é possível compreendermos o impacto das ideias feministas nas tradições religiosas em geral, ao confrontar os papéis tradicionalmente estabelecidos para o homem e a mulher, questionando-os e sugerindo novas abordagens na compreensão do que significa ser homem ou mulher, para além dos critérios biológicos (considerando o gênero enquanto uma "construção" bio-psico-social), propondo inclusive, uma nova leitura da bíblia e da Teologia, conforme nos mostra Maria José Rosado (2001, p.79).

Considerando que para as tradições protestantes em geral, o livre exame das escrituras e sua autoridade definem as normas, precisamos

atentar para o relato mítico[3] da criação, presente no livro de Gênesis, uma vez que lá estão as concepções fundantes do ser homem e mulher no âmbito cristão de expressão reformada, seja ele mais tradicional (ligado ao tronco histórico – Batistas, Presbiterianos e Luteranos) ou Pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleias de Deus, Quadrangular), dentre outras.

No relato bíblico que está registrado no segundo capítulo do livro de Gênesis, é possível constatarmos a não existência hierárquica de gênero no momento da criação, uma vez que homem e mulher possuíam os mesmos atributos, direitos e responsabilidades, e a mulher aparece como ajudadora idônea do homem, lado a lado deste nas tarefas cotidianas[4]. Segundo Rodrigo Lima (2018), "Isso pode ser visto através da expressão hebraica do termo, que significa literalmente 'ajudador (a) igual em sentido oposto' (עֵזֶר כְּנֶגְדּוֹ **,** *ezernehghed*)".

Todavia, este cenário inicial, é alterado, como registrado mais adiante no mesmo livro de Gênesis, onde o relato da entrada do "mal" no mundo a partir da tentação da serpente e a desobediência da raça humana, impõem a ambos os sexos as consequências da queda, que envolvem o trabalho penoso para o homem e a maternidade em meio a dores e a "sujeição" ao homem por parte da mulher.[5] Ainda que ao longo da bíblia, algumas tentativas de equalização da situação entre os gêneros apareçam (a exemplo da lei mosaica que previa o mesmo tipo de punição em caso de adultério para ambos os sexos) e, principalmente no novo testamento, com episódios marcantes tais como, a conversa entre Jesus e a mulher samaritana (que além de mulher, apresentava um comportamento

[3] Quanto a termo, concordamos com a exposição de Rodrigo Lima (2018) quanto ao sentido do termo por nós aqui empregado: " Uso aqui o termo *mito* não como é usado pelo senso comum como sinônimo de *história inverídica*, ou no sentido pré-filosófico de única explicação não-racional e não-científica para fenômenos naturais inexplicados, mas sim como o conceito que J. R. R. Tolkien explicitou a C. S. Lewis de que o mito é, na verdade, uma história que, ainda que use elementos imaginativos, é um veículo para se transmitir a verdade.

[4] Gênesis 2,18 Então o Senhor Deus declarou: "Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda". (Nova Versão Internacional da bíblia. NVI).

[5] Conforme registrado no livro de Gênesis 3,16-20.

socialmente inadequado para aquela época, pois já havia passado por vários casamentos), a intervenção de Jesus evitando o apedrejamento de Maria Madalena, pega em flagrante adultério (pecado cometido junto com um homem que não aparece na cena), além do próprio relato de várias mulheres atuando junto a Jesus, e sendo as primeiras a encontrá-lo ressurreto, o fato é que, a situação de inferioridade da mulher permanece uma realidade no interior das igrejas protestantes em geral, seja nas igrejas de linha mais histórica ou pentecostais.

Quanto a esta situação, podemos destacar ainda, o histórico de opressão relacionado à condição feminina, herdado pelo protestantismo de origem ibérica que chegou aqui no Brasil, conforme nos apontam Gedeon Freire de Alencar (2015) e Rodrigo Lima (2018) ao mencionarem a influência do catolicismo que aqui chegou e dominou durante 300 anos, com sua estruturação verticalizada, assentada no poderio masculino com seus padres e bispos e o líder máximo também homem (Papa), onde as freiras sempre ocuparam uma situação subalterna. Neste sentido, Alencar (2015) menciona o que Passos (2001) chama de "resíduos católicos", presentes entre os protestantes brasileiros. Diante deste contexto, é possível compreendermos a dificuldade no estabelecimento de um diálogo entre os movimentos feministas e as igrejas evangélicas em geral, pois conforme nos mostra Clara Mafra (2012, p. 136), embora os textos bíblicos onde estejam registrados os princípio de sujeição feminina ao homem e uma organização familiar de modo hierárquico[6] sejam algo "chocante" para os leitores modernos, etnografias recentes em meio ao universo protestante (sobretudo, pentecostal) apontam para uma tradução cotidiana deles a partir da noção de complementariedade entre os sexos e sem ênfase no poder restaurador a uma ordem de mundo fundadora, antes buscam a

[6] A autora estabelece a discussão a partir do texto escrito na carta do apóstolo Paulo aos Efésios no capítulo 5,22-24 "Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos".

construção de uma relação que ela chama de "encadeamento metonímico perfeito", o que garantiria uma semelhança quase "andrógina" no interior do casal.

Entretanto, no interior de vários coletivos de luta pela causa feminista, existe uma compreensão que vai de encontro a toda formulação fundante da fé protestante, e da tradição judaico cristã em geral, mas que também se estende a outras tradições religiosas, conforme nos mostra Maria José Rosado (2001, p. 84), ao descrever os principais aspectos relacionados as novas formulações teológicas das lutas feministas, onde são questionados não somente o monoteísmo e a imagem masculina da divindade, mas também a figura "submissa e virginal de Maria", além das interpretações sexistas dos mais diversos textos sagrados, tais como os da Bíblia, o Talmude, o Alcorão e mesmo os escritos do Budismo.

Ainda no campo da abordagem feminista, encontramos a crítica de Michelle Perrot (2007) acerca das relações paradoxais entre mulheres e religiões em geral, já que, ao mesmo tempo em que as religiões representam, o exercício do "poder sobre as mulheres", representam também o "poder das mulheres" a partir do momento em que estas conseguem transformar a posição de submissão que a religião lhes reserva, na base de um "contra poder" e de uma "sociabilidade".

Diante do exposto até aqui, fica a pergunta, afinal, em que medida o fundamentalismo perpassa as discussões de gênero em ambos os lados? É possível repensar o papel e a condição da mulher no meio protestante sem que isso signifique o abandono de sua fé? Dada a complexidade destas questões e a exiguidade de nosso espaço, nos valemos das reflexões de Richard Antoun citadas por Jack David Eller (2018), quanto a necessidade de repensarmos a associação direta entre fundamentalismo e alguma religião específica, indo além, compreendendo-o como uma orientação para o mundo, tanto cognitiva quanto afetiva, orientação esta que consiste numa indignação ou protesto contra a mudança e contra certa orientação ideológica, a orientação do modernismo.

Este argumento nos leva a refletir que, se por um lado os protestantismos em geral evidenciam uma postura fundamentalista, ao persistirem na manutenção de um ordenamento sócio cultural vinculado a um passado católico romano e de princípios bíblicos dirigidos a um povo em uma época específica, desconsiderando vários pontos de contraste relatados no novo testamento nas ações do próprio Jesus, por outro lado, as lutas feministas ao reelaborarem as teologias cristãs fusionando-as a elementos do paganismo, conforme anteriormente citamos no texto de Maria José Rosado (2001), simplesmente rompem com as instituições ou ignoram o papel da religião na vida das mulheres que nela estão, também não demonstram uma postura fundamentalista?

Longe de conseguirmos estabelecer um ponto final, o que nos importa é levantar questionamentos que possam ser ampliados em direção a novas reflexões que nos possibilitem repensar dogmas e conceitos acerca do ser e estar no mundo atual na condição feminina.

3 CONCLUSÃO

Tendo em vista a complexidade do tema e a falta de espaço para aprofundarmos estas discussões no corpo deste breve ensaio, concluímos este texto propondo conforme Clara Mafra (2012) que, talvez os caminhos em direção a um diálogo mais frutífero e efetivo acerca da questão de gênero, perpasse outras lentes conceituais, para além dos aparentes impasses, a exemplo do que ela cita ao final de seu texto sobre a proposta desconstrucionista do gênero, situando-o entre a performance e a paródia, conforme pontuado por Judithe Butler (2012, p. 195). Todavia, mais adiante, a autora reconhece que se por um lado tal posicionamento possui o "mérito de questionar até o limite a pretensão de verdade da constituição do gênero", ela reconhece o problema de estender tal compreensão a tradições religiosas tal como a pentecostal (e mesmo a católica), tendo em vista que, baseada em dados etnográficos ela constatou que tais grupos

não partem da constituição de gênero contestando um modelo original que vierem a constituir, mas via de regra, preferem se reconhecer como "testemunhas" da palavra bíblica e "imitadores" de Cristo. Logo a constituição de gênero baseada única e exclusivamente pela performatização da relação com um original, não se aplicaria a tais grupos, de modo que, a questão a ser enfrentada por tais segmentos estaria relacionada ao quanto desta postura de imitação, revelaria o Deus amoroso em suas constituições de gênero. Finalizando, pontuamos que, a despeito de muitas "frentes" de luta feminista e as abordagens cada vez mais acadêmicas, não enxergarem possiblidades de avanço no campo das religiões para a posição da mulher, concordamos com Maria José Rosado (2001), ao apontar para o desafio relacionado as futuras pesquisas no campo dos estudos da religião acerca de como "recuperar as tradições e os fundamentos das mesmas", de modo que as mulheres possam cada vez mais encontrar espaço para ser e existir plenamente.

4 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. **Presença Evangélica no Brasil atual:** remédio ou veneno? Observatório da Religião, v. 2, p. 130-152, 2015.

ANTOUN, Richard. (2001). Understanding Fundamntalism: Christian,Islamic, and Jewish Movements. WalmutCreek, CA: AltaMira Pressa *apud* ELLER, Jack David. **Introdução a antropologia da religião**. Tradução de Gentil Avelino Titton. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
Bíblia Sagrada: **Nova Versão Internacional** [traduzida pela comissão da Sociedade Bíblica Internacional]. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BUTLER, Judith. (2012), Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira *apud* MAFRA, Clara. O percurso que faz o gênero. **Religião e Sociedade**, v. 32, n. 2, p. 124-148, 2012.

CAMPOS Jr., Luís de Castro. **Pentecostalismo: sentidos da palavra divina**. Editora Ática: São Paulo, 1995.

CAMURÇA, Ayres Marcelo. O Brasil religioso que emerge do censo de 2010. In Religiões em Movimento: **O censo de 2010**/ Faustino Teixeira, Renata Menezes (orgs.) – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ELLER, Jack David. **Introdução á antropologia da religião**. Tradução de Gentil Avelino Titton. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e democracia no Brasil**. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/freston.pdf> Acesso em: 12 janeiro de 2020.

LIMA, Rodrigo. A mulher religiosa em um ambiente protestante histórico de prevalência masculina. Disponível em: <https://rlima777.jusbrasil.com.br/artigos/569161449/a-mulher-religiosa-em-um-ambiente-protestante-historico-de-prevalencia-masculina>Acesso em: 15 de janeiro de 2020.

MAFRA, Clara. O percurso que faz o gênero. **Religião e Sociedade**, v. 32, n. 2, p. 124-148, 2012.

PASSOS, João Décio. Teogonias Urbanas: o nascimento dos velhos deuses. Tese de doutorado, PUC-SP, 2001. *Apud* ALENCAR, Gedeon. Presença Evangélica no Brasil atual: remédio ou veneno? **Observatório da Religião**, v. 2, p. 130-152, 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

ROSADO-NUNES, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, 16, p. 79-96, 2001.